



Revista Educação e (Trans)formação  
Journal Education and (Trans)formation

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

**O PODER DA PALAVRA: ORALIDADE, ESCRITA E EXPERIÊNCIA**  
**THE POWER OF THE WORD: ORALITY, WRITING AND**  
**EXPERIENCE**

José Marcelo Costa dos Santos  
[marcelo.jose@ufma.br](mailto:marcelo.jose@ufma.br)

**Resumo**

Esta produção convida o leitor a pensar o caminho da palavra, seu poder, formas e variações na vida do homem. O artigo trata da importância da palavra falada e escrita e suas manifestações de poder, cultura e experiência, a partir de diálogos possíveis em dimensões de construção e produção de linguagens. O objetivo é discutir o poder da palavra como eclosão de atos de oralidade, escrita e experiência. A discussão foi organizada mediante pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, do tipo revisão de literatura, em que a base teórica se sustenta em autores como Antunes (2013), Costa e Salces (2018), Barthes (2019), Marcushi (2010), Larrosa (2016), dentre outros. O estudo mostra que a palavra é a força que move o homem para criar, compreender e interpretar as teias da comunicação humana, abrangendo várias instâncias de interação de poder, cultura e experiência que atravessam e influenciam os campos da fala e da escrita.

**Palavras-chave:** Experiência. Palavra. Poder.

**Abstract**

This production invites the reader to think about the way of the word, its power, forms and variations in the life of man. The article deals with the importance of the spoken and written word and its manifestations of power, culture and experience, from possible dialogues in dimensions of construction and production of languages. The goal is to discuss the power of the word as the outbreak of acts of orality, writing, and experience. The discussion was organized through bibliographic research, with a qualitative approach, of the literature review type, in which the theoretical basis is based on authors such as Antunes (2013), Costa and Salces (2018), Barthes (2019), Marcushi (2010), Larrosa (2016), among others. The study shows that the word is the force that moves man to create, understand and interpret the webs of human communication, encompassing various instances of interaction of power, culture and experience that cross and influence the fields of speech and writing.

**Keywords:** Experience. Word. Power.

## **Introduzindo o diálogo sobre a palavra**

A Língua Portuguesa, de expressão brasileira, constitui-se em construtos de palavra, vozes em movimento; de vocábulos em caricaturas expressas em textos e falares, nos quais é possível tecer subjetividades em forma de cantos, como reflexos de atos de oralidade, escrita e experiência.

Seus interlocutores devem ser produtores e articuladores, amantes de suas formas e dimensões, cientes de que há poder em ser e produzir linguagens articuladas em manifestações de vozes e nos estereótipos de palavras. Um poder que serve a várias frentes, visto que a palavra faz nascer e pode “matar”, considerando sua proposição e intenção.

Compreende-se que a palavra como arquétipo de expressão da capacidade humana de comunicação se constitui como uma das principais habilidades do homem ao longo de sua história. Traduz e é traduzida em ditos, em interditos, e até mesmo em não ditos, em processos de interlocução entre falantes/ouvintes/leitores.

Sendo uma façanha com potencial de desempenho e de competência (CHOMSKY, 1978), se articula com diversas dimensões e se constrói em processos de poder em diferentes esferas, de articulação de saberes e possibilidades de construção de conhecimento, de culturas e de vivências que podem constituir experiências.

O presente texto compreende aportes possíveis sobre o poder da palavra em extensão com outros construtos. O objetivo é discutir o poder da palavra como eclosão de atos de oralidade, escrita e experiência. A discussão foi organizada mediante pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, do tipo revisão de literatura, em que a base teórica se sustenta em autores como Antunes (2013), Costa e Salces (2018), Barthes (2019), Marcushi (2010), Larrosa (2016), dentre outros.

Entende-se que o estudo se faz pertinente em virtude de que propõe ao leitor reflexões sobre o caminho da palavra, seu poder, formas e uso na vida do homem. Trata da importância da palavra falada e escrita e suas manifestações como campo de experiência, a partir de diálogos possíveis em dimensões de construção e produção de linguagens.

## **Com a palavra: diálogos entre oralidade e escrita**

Escrever é mais desafiador do que se imagina. Estar diante dessa grande travessia em correntezas é angustiante, mas também prazeroso e motivador. Paradoxo ou antítese à parte é

em metáforas, sinestésias e comparações que a escrita muitas vezes ganhou forma, nasce e produz frutos, relacionando também com as experiências de oralidade.

A escrita pode ser comparada a um percurso: o escritor fita o grande oceano do conhecimento, caminha à beira da praia, por muitos momentos observa o mar em movimento e acompanhando a dança das ondas vai compreendendo o que deve fazer. Talvez, com um olhar de Palomar<sup>1</sup>, busca-se a observação do formato, do jeito, da forma, do contorno da onda.

Em suma, não se pode observar uma onda sem levar em conta os aspectos complexos que concorrem para formá-la e aqueles, também complexos a que essa dá ensejo. Tais aspectos variam continuamente, decorrendo daí que cada onda é diferente de outra onda; mas da mesma maneira é verdade que cada onda é igual a outra onda, mesmo quando não imediatamente contígua ou sucessiva; enfim, são formas e seqüências que se repetem, ainda que distribuídas de modo irregular no espaço e no tempo. (CALVINO, 1994, p. 07).

Palomar quis, por meio da observação, entender e captar o desenho da onda, uma imagem fotográfica, mas não imaginava o quão difícil era entender seu lancear nos movimentos do mar em interação com outras ondas, não sendo possível o registro exato dessa onda, uma vez que as ondas são igualmente diferentes ou têm um grau de igualdade, nos contornos das águas, que ao torná-las “unas” as tornam “pluris”.

Calvino (1994) provoca o leitor a pensar muitos aspectos da vida, da cultura ou das culturas a que compartilha e/ou expressa. A busca por exatidão no não exato que parece igual, mas é desigual exatamente por parecer semelhante, faz com que Palomar não consiga o retrato ideal que procurava.

O ideal seria justamente a relação, em desigualdade, que dá o contorno às ondas. Assim pode-se considerar, também, a feitura de um trabalho de escrita: é um imenso mar no qual as ondas se formam e se desformam em sua formação. Abrem-se, fecham-se, mudam-se, transformam-se, como as palavras que nos inavadem neste momento e dão contorno, em ondas de criação literária, científica e empírica a essa produção – um mar, um rio, ou um igarapé de águas em marés de correntezas que se misturam entre conceitos e experiências.

As vozes que emanam dos interlocutores, nos processos de construção e desenvolvimento das linguagens em atos de comunicação, são como teias que se interligam e possibilitam diversas formas de interação, sendo o fio condutor a palavra oralizada e/ou escrita, sentida ou como marca que se faz sentir no outro. A palavra tem faces, interfaces,

---

1 Palomar é uma personagem criada por Ítalo Calvino, no conto Palomar na Praia: Leitura de uma onda, contida na obra Palomar (1994).

multifaces, sobrefaces, que existem e coexistem na medida em que é expressa em forma de língua.

Nos atos de fala, nas vozes do cotidiano, nas canções que embelezam os discursos e tornam marcantes os diálogos, há uma relação de troca entre os falantes que compartilham dessas vozes e as tornam mecanismos de ser, fazer e sentir. São ferramentas de produção e interação entre as diversas culturas e os muitos jeitos de dizer, compreender e interpretar os atos de comunicação.

Nesses processos, o produtor de linguagem tem maior liberdade para se expressar, uma vez que a variedade informal – marca principal nesse contexto, aproxima os interlocutores abrindo caminhos para as mutações linguísticas, polissemias e neologismos que configuram os campos da oralidade.

A palavra, nesse segmento, é a matéria que sustenta a linguagem oral, assim com o faz na escrita. Sendo condições de constituição de linguagem distintas, é importante que se compreenda que, em ambas, a palavra é conteúdo e como tal, alicerça-se em cada um destes domínios de comunicação.

Segundo Marcushi (2010, p. 22), “na sociedade atual, tanto a oralidade quanto a escrita são imprescindíveis. Trata-se, pois de não confundir seus papéis e seus contextos de uso, e de não discriminar seus usuários”. Isto significa que ao se manifestar por meio da linguagem verbal oral, o falante faz uso de contextos específicos dessa variedade, logo, não pode ser punido por não obedecer a conveniências da variação formal, por exemplo.

As diferentes formas de configuração dos discursos mostram quão diversa e heterogênea é a Língua Portuguesa, quer em termos oralidade ou de escrita. Dessa forma, “a oralidade jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão e de atividade comunicativa”. (MARCUSHI, 2010, p. 36).

Esse autor postula que a oralidade compreende um campo linguístico capaz de formar “fator de identidade social, regional, grupal dos indivíduos”. Nesse tipo de comunicação, a palavra é usada como mecanismo de interação direta, capaz de estabelecer vínculos e representar formas de culturas, partilhadas em determinados grupos e/ou comunidades sociais.

Marcushi (2010) postula que oralidade e escrita apresentam seus próprios caracteres, não são iguais, principalmente pelo fato de que uma não representa todos os aspectos da outra, o que não quer dizer que não sejam relacionais. Entretanto, a escrita não reproduz marcas da

oralidade como gestos, por exemplo. Ao passo que a oralidade não reflete as estruturas mais rígidas do formalismo escrito.

Antunes (2003), por sua vez, assevera que oralidade e escrita são devem ser pensadas como eixos distintos. De acordo essa autora, oralidade, palavra falada, fomenta a ideia de língua como prática social que, aliada à escrita, serve “à interação verbal, sob a forma de diferentes gêneros textuais, na diversidade dialetal e de registro que qualquer uso da linguagem implica”. (ANTUNES, 2003, p. 99).

A oralidade, nesta perspectiva, fortalece seu caráter de interação. Antunes (2003) esclarece a oralidade assume características que são essenciais para que se constitua campo de produção de identidades e relações entre usuários da língua: orienta para uma coerência global, potencializa a articulação no processo de interação, configura campos de especificidades, se manifesta em diversidade de gêneros e facilita o convívio social.

Quando é posta em processos de articulação em estruturas de escrita, o domínio da palavra torna-se um grande desafio. No momento em que o falante e debruça sobre a tarefa árdua de escrever, a voz se corporifica em palavras; ampara ou abandona, desafia e define o sujeito enquanto autor, escritor, comunicador, produtor de textos, afinal:

O ser humano é essencialmente comunicativo. Seja por gestos, caras e bocas, ou usando um código linguístico – falado ou escrito – transmitimos e recebemos informações, falamos sobre nossas emoções e sentimentos, expressamos ideias e agimos sobre nosso ouvinte ou leitor, tentando convencê-lo a respeito de nossas opiniões ou persuadi-lo a agir desta ou daquela forma. (COSTA; SALCES, 2013, p. 39).

O exercício de escrever é quase uma máxima em que se insere o desafio de materializações de escrita a partir das experiências pelas quais passa o falante, o que o torna sujeito histórico e produtor de um idioma, também histórico, cultural e social, que lhe possibilita conhecer o mundo, uma vez que “a língua, então, é uma construção humana e, portanto, um produto histórico e social, que assume múltiplas funções de ação e de interação com o outro, sobre o outro, no mundo e sobre ele”. (COSTA; SALCES, 2013, p. 39).

Em grau de subjetividade, o ato de escrever tem tratos de paixão, pois há uma paquera intensa, um tesão que proporciona atração e amor, inclusive com todas as benesses e os intemperes desses sentimentos, ou seja, quem escreve é atraído, aceita o beijo e, às vezes, sofre, chora, sente saudade, pede uma nova chance, ama.

Neste sentido, Santos (2021), na crônica *Bela Amante*, metáfora direcionada à palavra em Língua Portuguesa, enfatiza a relação de poder e sedução que a língua exerce com o falante, expressando um caso amoroso que se alicerça na relação construída a partir dos usos e variações em que a palavra é manifestada:

Se não estiveres comigo, pouco poderei fazer, uma vez que é teu cheiro que aromatiza os ambientes das escritas e das leituras que a mim falam, alimentam e sustentam. Bela amante [Língua Portuguesa] dá-me ferramentas de produção e interação entre as diversas culturas e os muitos jeitos de dizer, compreender e interpretar os atos de comunicação. (SANTOS, 2021, p. 191).

Acredita-se que é na força da palavra que se dá a construção de escritas que falam, educam e modificam a sociedade, refletindo olhares sobre educação, culturas, histórias, memórias e vidas, constituindo experiências que produzem saberes, portanto, conhecimento sobre tempos, espaços e pessoas.

Entre palavras se tecem as interfaces da escrita, as formas de expressão nos vários níveis de escolaridade e graus de conhecimento. Na escola, por exemplo, a palavra é o mote para a aprendizagem e desenvolvimento da proficiência em língua materna, porém, antes de ingressar na escola, o falante já é um articulador de palavras.

Dessa forma, a palavra é desenvolvida em processos de leitura/escrita os quais, como afirma Costa e Salces (2013), possibilitam o desenvolvimento de vários tipos de conhecimento: linguístico, textual/interacional e empírico/de mundo, por meio dos quais o leitor se desenvolve enquanto produtor de gêneros e multiplicador de linguagens.

Na literatura, a importância do uso da palavra, falada ou escrita, se manifesta nos ditos de poetas e escritores de diferentes gerações. Quando Clarice Lispector afirmou que encontrava um prazer intraduzível ao escrever, porque nesse processo a alma fala, canta e chora, sabia bem do que travava a arte de grafar vocábulos inerentes de um discurso particular, em parcerias diversas com outros discursos, para se comunicar com as pessoas.

Ao dizer que “o homem escreve para não morrer”, José Saramago resumiu sabiamente o que esse universo proporciona – está além da vida de quem o produziu, atravessa a história contando e recontando histórias. O mestre Machado de Assis sintetizou esse processo ao postular que a escrita é uma “questão de acentos”, de colocar acentos, de achar os acentos, de decidir quais acentos.

Se Rubem Alves concebia o ato de escrever e ler como formas de fazer amor, certamente, e para o deleite e alegria de seus leitores, este sentiu muito prazer ao conduzi-los.

Não é só da sapiência purista que se manifesta a arte da expressão pela habilidade de tecer discursos. Não é preciso ser um Camões, porém, é necessário achar um jeito próprio de produzir os Lusíadas, talvez.

A escrita não é uma pedra no meio do caminho, mas se pedra vier a ser, que seja feito um brinde à taça de Drummond para lembrar que a pedra é, pois, somente uma pedra no caminho. Vinícius de Moraes, ao interpretar a vida como uma grande arte do encontro, possivelmente, acreditava que o encontro com aquilo que buscamos na vida é uma dádiva.

E muitos são esses encontros, inclusive com a arte do dizer, do narrar, do poetizar. Quão maravilhosa é a valsa de gala que se pode ter com a Língua quando vai-se ao seu encontro. Encontro que permitiu ao poeta piauiense Torquato Neto a bailar em ritmos para além dos melhores instrumentos poéticos da Tropicália brasileira.

Encontros, entre palavras, que libertou a fala afrodescendente, viva, de Maria Firmina dos Reis; que é companhia nos recôncavos da subjetividade que brota na matriz africana dos textos de Conceição Evaristo; que inspira o poeta popular, em sua simplicidade do existir, à arte do repente, ou à voz da poesia, a habilidade do verso e da rima, em que ser ourives é, simplesmente, ser.

Neste sentido, quer em um poema ou numa tese, tecer palavras, estar entre palavras, é um exercício constante de raciocínio, comparações, relações, aproximações. Um duelo entre a fala e o código, entre vozes, entre liberdade e conveniências das normas ortográficas e os preceitos gramaticais que normatizam o que é em detrimento do que não é considerado “coerente” na variedade padrão do idioma. Quem os domina tem poder e o exerce no campo em que atua.

### **Sobre a palavra: diálogos entre poder e experiência**

O poder da palavra chama o leitor, mas também o afasta caso não corrobore em suas necessidades ao se dispor a ler o que há entre palavras, ou seja, a palavra é condição do pensamento, oportunizando a criação de conceitos, em termos de produto vocabular; é a materialidade da reflexão em textos.

Como manifestação de poder na escrita, a palavra torna o ato da criação verbal, intrigante, desafiador, ousado, uma conquista, uma paixão. As travessias pelo universo da palavra podem proporcionar diversas sensações, considerando a tríade: escrita, autor e leitor.

Diante do texto é possível desenvolver uma relação de prazer, um erotismo entre o que é visto, aquilo que o leitor acha que ver e o que não consegue identificar, mas encontra-senas entrelinhas.

Há, como diz Barthes (2019, p. 40), algo de subversivo nesse prazer, no sentido de que: “O prazer do texto é semelhante a esse instante insustentável, impossível, puramente romanesco, que o libertino aprecia no fim de uma maquinação ousada, ao fazer cortar a corda que o suspende, no momento em que atinge a fruição”.

Seria um texto de prazer “aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura (BARTHES, 2019, p. 21)”. Para esse autor, o texto se desenha mediante uma relação de trança, trançados compostos por fios que se misturam e dão formas, vozes, em forma de escrita.

Barthes (2019) instiga, convida, mostra, desafia o leitor a pensar o desafio do texto de prazer e do texto de fruição, em que este não se assemelha àquele, mas ambos causam alguma reação no leitor. Desde um fetiche a um enfado, o texto é sempre uma proposta que mexe com quem lê.

É uma arrumação, um entrelaçamento, uma teia de aranha na qual a “viúva-negra” pode ser algoz de todos ou, simplesmente, vítima em seu próprio casulo, em metamorfoses de vida e morte nos tecidos que desenvolve. Assim:

Texto quer dizer Tecido; mas enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a ideia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nessa textura – o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolvesse ela mesma nas secreções construtivas de sua teia. (BARTHES, 2019, p. 82).

O texto se desenha, é desenhado, mediante esses fios, essas teias que se atravessam e nessa relação traz ao leitor o gozo diante do feito, o significante, não apenas um significado, afinal “o prazer do texto é isto: o valor passado ao grau suntuoso de significante”. (BARTHES, 2019, p. 84). Uma produção que causa prazer em sua leitura, certamente, foi em deleite literário-científico produzida, ainda que isso não seja generalização, uma vez que o prazer da escrita não assegura sensação semelhante na leitura.

Há uma relatividade que envolve o jogo entre escritor e leitor, no qual as artimanhas de ambos darão o ritmo da dança e a possibilidade do enlace. Se houver o “casamento”, ocorreu a fiação da teia, para qual é necessário um tipo de fio especial – a palavra, viva,



mutante, construída, sentida e ressignificada nos contextos em que se manifesta.

No processo de aprendizagem da língua, a palavra enquanto matéria das manifestações de oralidade, escrita e leitura é uma ferramenta essencial para que os falantes ampliem sua capacidade de comunicação oral e escrita. A este respeito, Santos, Silva e Pereira (2013, p. 79) enfatizam que “a aquisição da leitura é um processo contínuo, acontece de maneira ordenada e, quando bem direcionada, culmina com o desenvolvimento da habilidade da escrita”.

Para estes autores, há uma relação intrínseca entre os atos de falar, ler e escrever, principalmente porque provêm da manifestação e uso da palavra a partir de situações comunicacionais que permitem aos interlocutores o estabelecimento de comunicação, seja qual for a variedade linguística pretendida.

Tal postulado reforça a ideia da intensidade da palavra para os falantes, considerando que a fala e a escrita podem ser elementos para a manifestação de culturas, linguagens, identidades, aprendizados, patrimônios imateriais, tradições, saberes, fazeres, dizeres, enfim, heranças socioculturais que se formam na interação entre gerações.

Pensando na força da palavra, traz-se para esta discussão as contribuições de Hampaté Bâ (2011), que aponta o poder da palavra viva, como expressão de força e de sabedoria, tendo como base as relações dialógicas das tribos africanas – sociedades orais – nas quais a força da oralidade fortalece a tradição e a memória, tornando profundo o relacionamento do homem com a palavra.

E, pois, nas sociedades orais que não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a Palavra é mais forte. Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra. (HAMPATÉ BÂ, 2011, p. 168).

Nas manifestações da tradição, a palavra assume um caráter quase transcendental, sendo considerada sagrada, zelada, sinônimo de respeito, pois quem a profere assume seu poder e, conseqüentemente, a responsabilidade do peso e do significado desse poder diante de quem a ouve e a compreende como verdade. A palavra do ancião é sagrada, suas vivências são fontes de sabedoria para os demais membros da tribo, portanto, a palavra não é proferida sem um compromisso diante dela.

A palavra é, também, canção, poesia, que se dá e se recebe em momentos de criação e grande subjetividade. Zumthor (2010) discorre sobre as marcas possíveis mediante a

declamação de ditos em formas de cantos, ou em faces de performance, em que o canto (palavra dita, enunciada, cantada, declamada) de um toca e faz sentir e sentir-se no olhar, no dito e nos cantos do outro.

Neste ensejo, a palavra é, realmente, uma forte manifestação de poder, inclusive quando se trata da fala, como nos esclarece Alenclastres (1981, p. 106) que enfatiza: “Falar é antes de tudo deter o poder de falar. Ou, ainda, o exercício do poder assegura o domínio da palavra”. Deter tal domínio pode ter várias significações e, na história, vê-se que quem deteve o poder da palavra, muitas vezes, comandou até mesmo o poder diante da vida, ou da morte, de milhões.

Na esteira das pesquisas científicas, por exemplo, a palavra escrita e falada é essencial para a narração, descrição, interpretação de fatos. A este respeito, Meihy (2005, p. 15) afirma que “a palavra dita, depois de passar por cuidados convenientes a sua gravação e conservação, representa, pois um avanço no conceito de documento de análise social”.

Larrosa (2016, p.05) postula que a palavra é experiência e há experiência na palavra, tendo em vista que “escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido”. Deve pulsar em quem escreve/fala a necessidade da liberdade de reflexão sobre a identidade do que se é e/ou faz, quando investido na função de professores nos contextos em que se atua, para que “assim possamos ampliar nossa liberdade de pensar a educação e a nós próprios, como educadores”. (*idem*, p. 06).

Quem sabe assim o interlocutor tenha no poderio de sua interação consigo e com os pares e ímpares de suas travessias controversas, desnudo de quaisquer polaridades e binarismos cartesianos, uma real experiência e não um mero experimento ou um ato de conhecer e saber, apenas. As palavras levam além. Segundo Larrosa (2016, p. 17):

O homem é a palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprios desse vivente, que é o homem, se dá em palavra e como palavra. Por isso, atividades como considerar as palavras, criticar as palavras, eger as palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, transformar palavras, etc. não são atividades ocas ou vazias, não são mero palavrório.

A palavra é canto, o canto na educação, na história e na vida. A palavra é experiência e há experiência na palavra. Larrosa (2016) provoca o leitor a essa reflexão, fazendo-o pensar a experiência como algo que se dá num processo em que o indivíduo é marcado, tocado, quando percebe e vê os sentidos que o proporcionam vivências para além de simples atos

sinestésicos, logo, formas de invenções, criações, produção de conhecimento.

Esse autor esclarece que ao homem cabe educar, ser educado e educar-se em espaços de fluidez e liberdade que permitam construções e, também, desconstruções para reconstruções do que se entende e se sabe sobre educação e sobre ser professor na contemporaneidade.

Isto significa “[...] pensar a educação a partir do par experiência/sentido” (LARROSA, 2016, p. 16), em que o aprender seja possível a partir da criação mediante experiência: aprendizagem do que o sujeito é diante de si e do mundo.

Para Larrosa (20016), só é experiência o que se configura como importante para alguém a ponto de marcar essa pessoa, de alguma forma, ao longo de sua vida e em seus aprendizados. Experiência não é informação e não é simplesmente saber coisas, por isso torna-se rara nos processos sociais, ameaçada pelo periodismo que informa para o aprisionamento, incapacitando o indivíduo à experiência. Escrever deve ser uma experiência que possa marcar quem se aventura no campo da produção textual.

Há a necessidade de se compreender a linguagem destas questões, apropriar-se da língua das coisas, a língua do “pode ser possível”, do “também pode”, cientes de que: “[...] uma língua é um dispositivo de acolhida e de pertinência, também é um dispositivo de repúdio e de exclusão: daqueles que não a dominam, que não a aceitam, que nela não se sentem à vontade, que não a usam, que não se submetem a regras, que não obedecem a seus imperativos”. (LARROSA, 2016, p. 60).

A palavra não é um mero exercício de descrever o que foi ou que isso representou em um determinado tempo, vai além, provoca a pensar, a criticar, a produzir epistemologias, proposições acadêmicas. É arte em movimento, formada em linguagens que podem se multifacetar, porque se dão em processos que podem compreender desde os cânones aos atos de liberdade linguística.

### **Para não faltar diálogos entre palavras**

Nesta breve produção, buscou-se uma reflexão sobre a importância e o poderio da palavra em alguns campos em que é possível expressá-la e torná-la instrumento de comunicação e interação entre os seres humanos. Uma capacidade que potencializa o indivíduo e lhe dá suporte para construir e tecer diferentes linguagens.

A oportunidade de criar palavras, entre tantas perspectivas, possibilita reflexões sobre como foi e é possível fazer uso de seu poder em diferentes esferas e com objetivos distintos. O poder da palavra propicia a manifestação de pensamentos, forma e transforma discursos, evidencia culturas, produz conhecimento, se manifesta como experiência.

Assim, entende-se que o objetivo proposto nesta escrita foi atingido, uma vez que se estabeleceu uma discussão sobre palavra e o seu poder de uso, mostrando a possibilidade desta se transformar em ferramenta de produção oral e escrita e ainda, como instrumento que produz experiência enquanto prática de interlocução.

O estudo mostra que a palavra é a força que move o homem para criar, compreender e interpretar as teias da comunicação humana, abrangendo várias instâncias de interação de poder, cultura e experiência que atravessam e influenciam os campos da fala e da escrita. A palavra é movimento, criação, estética, percepção, diversidade, vida.

## Referências

- ALENCASTRE, José Martins Pereira. **Memória cronológica, histórica e corográfica da Província do Piauí**. 2. ed. Teresina, PI: COMEPI, 1981.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. (Trad.) J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- CALVINO, Ítalo. **Palomar**. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia da Letras, 1994.
- CHOMSKY, Noam. **Aspectos da Teoria da Sintaxe**. Coimbra: Armênio Amado. 1978.
- COSTA, Deborah; SALCES, Claudia Dourado de. **Leitura e Produção de Textos na Universidade**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2013.
- HAMPATÉ BÂ, A. A Tradição Viva. *In*: ZERBO, J. K. I. **História Geral da África: metodologia e pré-história**. São Paulo: Ática/UNESCO, 2011. p. 181-218.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2010.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Trad. Cristina Antunes; João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- SANTOS, José Marcelo Costa dos. Bela Amante. *In*: CIARLINI, Cláudio. CARVALHO, José

Luiz de. **Crônicas entre gerações**. Parnaíba, PI: Sieart, 2021. p. 131-132.

SANTOS, José Marcelo Costa dos; SILVA, Cícero Alves; PEREIRA, Marcílio Machado. Práticas de Leitura e Escrita na Escola: desafios do professor contemporâneo. *In*: PEREIRA, Marcílio Machado. **Letras do Delta**: estudos de língua, linguística e literatura. Parnaíba, PI: Sieart, 2013. p. 77-89.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à Poesia Oral**. (Trad.) Jerusa Pires Ferreira; Maria Lúcia Diniz Pochat; Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.